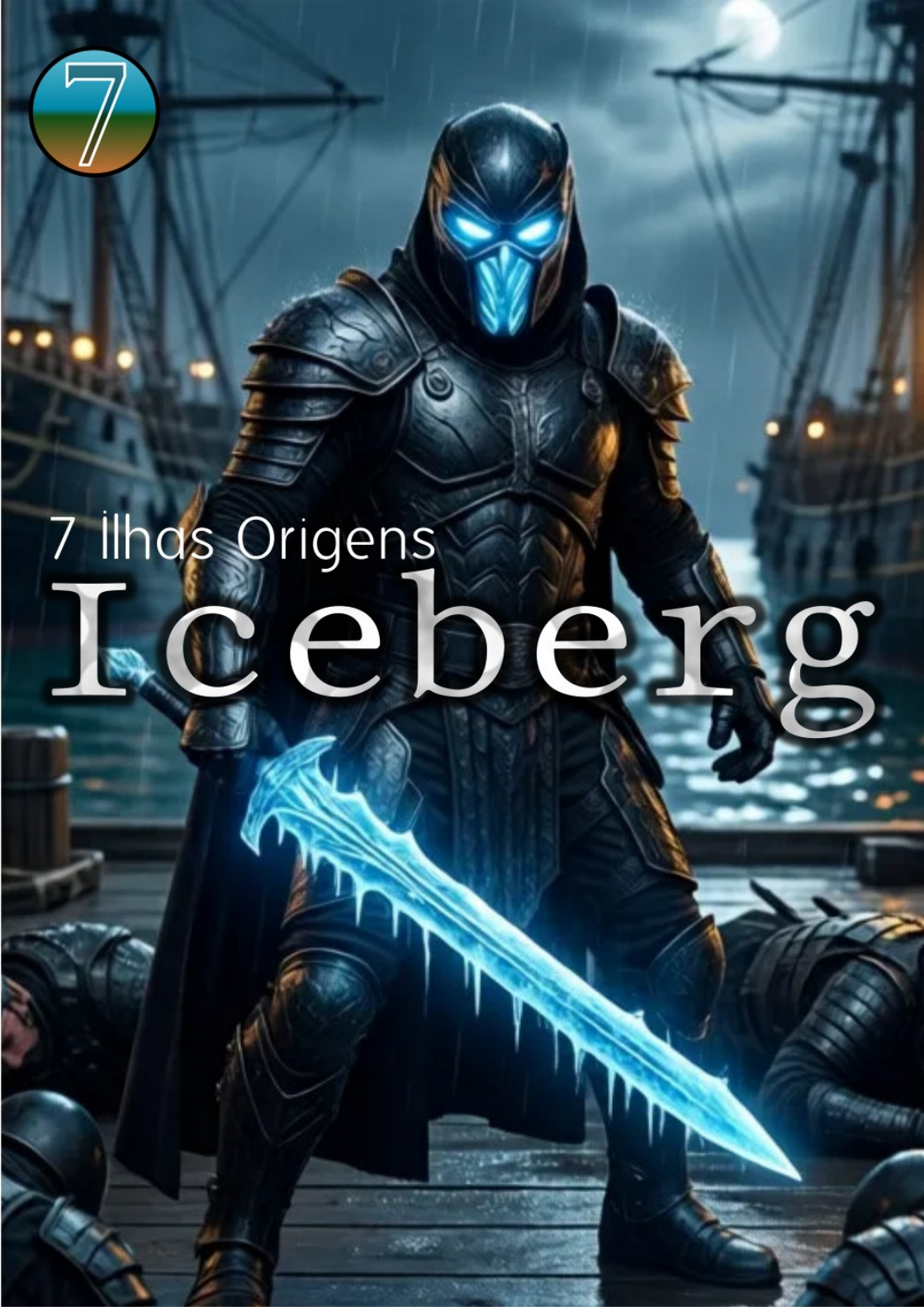


7

7 Ilhas Origens

Iceberg



Sete Ilhas é um mundo ficcional criado para RPG. Há algumas produções literárias, porém, sobre esse mundo, sendo a mais completa o conto Aurora de Prata.

Uma das características de Sete Ilhas é a guilda dos Mascarados, formada por vigilantes que lutam em defesa dos oprimidos nesse mundo hostil. Uma guilda que tem um fundador: Iceberg.

Com ajuda da persona escritor **Márcio DS Caldas**, interpretado pelo Deepseek, você tem aqui um bom conto de apresentação deste personagem. Apesar do uso de IA (com total transparência) na escrita, a estruturação do roteiro, ajuste de detalhes e edição posteriores foram inteiramente humanas. Espero que aprecie.

-- CárliSSon Kibernet

Parte 1

O menino aprendeu cedo que o mundo se divide entre os que olham das janelas e os que são olhados.

A janela do quarto de Simeon Dávila dava para o cais. Não o cais nobre, onde atracavam as caravelas da coroa com suas proas pintadas de azul e ouro. O outro. O cais de madeira podre, onde os pescadores amarravam barcos que tinham mais remendo do que quilha. Ele tinha sete anos quando descobriu que podia ver o suor escorrendo nas costas deles, se encostasse o rosto no vidro e enxergasse além do jardim murado.

Nelly Dávila ensinava o filho a ler na varanda dos fundos. Não os livros do pai, que tratavam de contratos e fretes e percentuais, mas as histórias antigas. Aquelas que falavam de heróis sem nome, que apareciam nas estradas quando o fardo ficava pesado demais e sumiam depois, sem deixar rastro, como se nunca tivessem existido.

– A justiça tem pernas compridas – dizia sua mãe Nelly, os dedos pousando leves na página amarelada. – Anda devagar, mas chega.

Simeon gostava de ouvir. Gostava mais ainda de olhar para o cais e imaginar que um dia seria um desses heróis. Alguém que descia a ladeira e não voltava para o jantar, deixando apenas uma história na boca dos outros.

O pai, Lester Dávila, não contava histórias. Lester pesava prata na balança, media grãos no alqueire, discutia prazos com os capitães do porto. À

mesa, falava de impostos e de como a coroa sufocava o comércio. Simeon aprendia a ficar quieto. Aprendia que a voz do pai era a única que importava quando os criados circulavam com as travessas.

Mas a janela era sua.

Ali, com a testa apoiada no caixilho, ele via o mundo sem mediação. Via os pescadores chegando com as redes vazias. Via as mulheres esperando na areia, as cestas de palha vazias também. Via o feitor do pai – um homem chamado Sarmento, de dentes podres e riso curto – sentado no barracão, os pés sobre uma pilha de peixes que ele não pescara.

– Quem trabalha merece – disse Lester Dávila quando Simeon perguntou, uma vez, por que levavam quase tudo.

O menino não perguntou outra vez. Aprendeu que algumas perguntas não são para serem feitas, mas guardadas. Guardadas como se guarda um segredo. Como se guarda uma pedra afiada no bolso.

Nelly, às vezes, percebia os olhos do filho fixos na vidraça e sorria, triste.

– Um dia você vai entender – dizia.

Mas Simeon já entendia. Entendia que a janela era uma fronteira. De um lado, o que ele tinha. Do outro, o que ele poderia ser.

Naquela tarde, um pescador mais velho que os outros olhou para cima, direto para o menino na sacada, e não desviou. Simeon sentiu o coração bater mais forte. Não houve raiva no olhar do homem. Não houve súplica. Havia apenas a certeza

de quem sabe que será visto ou não será, e que isso, no fim, é a única coisa que importa.

O menino não desviou primeiro.

Ficou ali, os dedos pequenos cravados no mármore frio, até o pescador voltar a puxar a rede. Só então ele respirou.

Nelly chegou com um copo de água fresca e pousou a mão no ombro do filho.

– Já está escurecendo. Vamos.

Simeon obedeceu. Mas antes de se afastar, olhou mais uma vez para o cais. O homem já tinha virado as costas. O menino sabia, com uma clareza que não saberia nomear, que tinha acabado de aprender alguma coisa. Que a janela, por mais alta que fosse, nunca era alta o suficiente para impedir que alguém olhasse de volta.

No corredor, a voz do pai ressoava no escritório. Falava de carregamento, de prazos, de um devedor que precisava ser lembrado de suas obrigações.

Simeon apertou os dedos em punho, sentindo o gosto de sal nos lábios, e entrou no quarto.

Parte 2

A notícia chegou pelo escuro.

Simeon acordou com vozes vindo de fora do quarto. Não os cochichos dos criados, mas algo mais grave – um murmúrio denso que subia da escada como fumaça. Tinha onze anos quando aprendeu que há palavras que não precisam ser ditas em voz alta para serem ouvidas. A porta do quarto estava entreaberta. Ele não precisou espiar.

O tio Cassius apareceu.

Cassius Dávila era mais novo que o irmão, mas o rosto já trazia vincos que Lester não tinha. Chegou montado num cavalo preto, as botas sujas de estrada, um baú pequeno na garupa. Não pediu

café. Não perguntou pelo menino. Foi direto ao escritório, onde os papéis do irmão ainda estavam espalhados sobre a mesa, como se Lester pudesse voltar a qualquer momento para terminá-los.

– Acidente – disse Cassius para ninguém, enquanto folheava os contratos. – O cavalo tropeçou. O rio estava cheio.

Nelly ouviu da cozinha. Simeon a encontrou mais tarde no quintal, as mãos imersas numa bacia de água fria, os olhos secos. Ela não chorou na frente dos criados. Não chorou na frente do cunhado. Só perguntou, quando Simeon se aproximou:

– Você comeu?

Ele havia comido. Mastigou o pão sem sentir o gosto, os olhos fixos na janela da cozinha, que dava para o muro dos fundos. O cais não se via dali.

Cassius ficou. Disse que era seu dever, que o sangue chama sangue, que a casa precisava de um homem. Nelly não respondeu. Apenas arranhou um quarto para ele no andar de cima, o que dava para a rua, não para o mar.

Nos meses seguintes, Simeon aprendeu novas lições.

A primeira: Cassius não tinha o peso do pai à mesa. Onde Lester usava o silêncio, Cassius usava a palavra. Falava demais, ria alto, batia no ombro dos criados como se fossem cães. Simeon descobriu que preferia o silêncio.

A segunda: o tio o levava ao quintal nas tardes e lhe ensinava esgrima com espadas de madeira.

– Um homem de posses precisa saber se defender – dizia, enquanto os gravetos estalavam no ar. – O mundo não perdoa os fracos.

Simeon aprendia os golpes com os punhos cerrados. Não gostava do tio, mas gostava do movimento. Gostava de sentir o peso da madeira na mão, o vento cortando o rosto. Quando acertava o pulso de Cassius com força suficiente para fazê-lo soltar a espada, o tio ria.

– Tem sangue – dizia. – Ainda bem que não puxou a mãe.

Nelly não reapareceu nas tardes. Ficava nos fundos da casa, nos cômodos onde Cassius não entrava. Às noites, quando o tio saía para jogar dados na cidade, ela chamava Simeon para a cozinha e lhe mostrava as mesmas histórias antigas. Os heróis sem nome. Os justos que vinham de onde não se esperava.

– A justiça tem pernas compridas – repetia, mas agora a voz era mais baixa.

Simeon notou que ela já não olhava para o cais.

A terceira lição ele aprendeu sozinho, espiando pelas frestas do escritório. Cassius não apenas administrava os negócios. Reunia-se com homens que Simeon nunca vira na casa – capitães de navio com as mãos tatuadas, mercadores de olhos miúdos, um homem magro que trazia sempre um livro de contas debaixo do braço. Falavam de fretes, de cargas, de gente que devia e gente que pagava. Mas também de outras coisas. De navios que atracavam à noite. De carregamentos que não estavam nos livros.

Simeon não entendeu tudo. Mas entendeu o suficiente para saber que o pai nunca tinha recebido aqueles homens em casa.

Numa noite, depois que Cassius saiu, ele entrou no escritório. O quarto cheirava a cera e papel velho. A mesa estava limpa. Os contratos tinham sido guardados, as gavetas trancadas. Mas no canto, atrás da estante, Simeon encontrou um pedaço de corda que não estava ali antes.

Pesada. Grossa. Com nós que não eram nós de marinheiro.

Guardou no bolso sem saber por quê. Subiu para o quarto, encostou a testa no vidro gelado da janela. O cais estava escuro. As luzes dos barcos tremiam na água como velas de defunto.

A mãe não contou histórias naquela noite.

Simeon ficou sozinho com o peso no bolso e a certeza de que algumas coisas, quando caem no rio, não sobem mais. E que os acidentes, às vezes, têm mãos.

Parte 3

Seis anos passaram como a maré – sempre voltando, sempre levando alguma coisa.

Simeon Dávila tinha dezessete quando percebeu que o cais encolhera. Os barcos eram os mesmos, os pescadores também, mas as redes chegavam cada vez mais vazias e o barracão de Sarmento, o feitor, agora ficava de portas abertas o dia inteiro. Os homens entravam com o peixe e saíam de mãos vazias, curvados como se levassem o peso do mundo nas costas.

Cassius Dávila não perguntava como andava a pesca. Perguntava quanto andava o lucro.

Os homens do tio já não vinham apenas à noite. Apareciam a qualquer hora, batiam na porta da cozinha, ocupavam a sala de jantar com suas botas sujas de lama e suas vozes ásperas. Simeon aprendera os nomes: Capitão Noronha, de tatuagens azuis nos dedos; Mercador Fialho, que ria sem motivo; e o homem magro, sempre de livro debaixo do braço, a quem chamavam apenas de Escrivão.

Nelly Dávila passava por eles como um fantasma. Servia café sem erguer os olhos, recolhia as xícaras com as mãos firmes demais. Simeon notou que o Escrivão a seguia com os olhos. Notou que Fialho, às vezes, se levantava quando ela entrava, como se fosse interceptá-la. Cassius ria, dizia alguma coisa, e os homens voltavam a se sentar.

O menino – já não era menino – apertava a faca de caça que aprendera a esconder na cintura.

Mas não dizia nada. Aprendera que dizer nada era a primeira regra da casa.

Nelly não contava mais histórias.

Às vezes, Simeon a encontrava na varanda dos fundos, olhando para o muro. Quando ele se aproximava, ela sorria – um sorriso que não alcançava os olhos – e perguntava se ele tinha comido. Ele sempre tinha. Comiam juntos em silêncio, e era o único momento do dia em que a casa parecia ter um teto.

Na manhã do enforcamento, Simeon acordou com o sino da praça.

Não era sino de igreja. Era o sino que chamava para as execuções, o mesmo que ele ouvia desde criança mas nunca vira de perto. Agora, porém, sua janela dava para a rua principal. Ele

chegou ao parapeito enquanto a multidão se abria para dar passagem à carroça.

O homem no carro tinha os pulsos amarrados com corda grossa. A cara inchada, a boca sangrando. Simeon reconheceu a jaqueta de couro remendado, as mãos calejadas. Era o pescador que, seis anos antes, olhara para a janela e não desviara o rosto.

– Roubou um saco de farinha – anunciou o pregoeiro, desenrolando o édito. – Da casa Dávila.

Simeon sentiu o estômago se contrair. A farinha não tinha sido roubada. Ele vira, na noite anterior, os homens de Cassius descarregando os sacos no armazém do cais. Vira o Escrivão anotando em seu livro, o riso de Fialho, o capitão Noronha dizendo *“O velho não vai sentir falta”*.

O pescador não disse nada. Subiu os degraus do cadafalso como quem sobe uma escada de casa. A corda foi ajustada. O alçapão cedeu.

Simeon não desviou.

Ouviu o estalo. Ouviu a multidão suspirar. Viu o corpo balançando devagar, as mãos ainda amarradas, os pés apontando para o chão que não alcançavam mais.

Depois, o silêncio. Depois, a dispersão. Depois, o barracão do cais reabrindo como se nada tivesse acontecido.

Ele ficou na janela até a noite cair.

Nelly chamou para o jantar. Ele não desceu. Ela deixou a bandeja na porta, bateu devagar, foi embora.

Simeon olhou para o espelho do quarto. O rosto que viu era o de um estranho – os olhos

escuros, a mandíbula dura, o cabelo caído sobre a testa. Lembrou-se do pescador que não desviara o olhar. Lembrou-se de si mesmo, aos sete anos, achando que um dia seria herói.

Agora sabia que heróis não existem. Existe apenas o que se faz e o que se cala.

Ele calara.

O punho acertou o espelho antes que pudesse pensar. O vidro estilhaçou, cortou sua mão, e ele acertou de novo, e de novo, até restar apenas a moldura vazia e o sangue escorrendo entre os dedos. Não sentiu dor. Sentiu apenas o metal da faca de caça contra a cintura, e o peso do pedaço de corda que ainda guardava no fundo da gaveta, como uma pergunta que se recusava a morrer.

Na manhã seguinte, Nelly encontrou os cacos de vidro recolhidos num pano, o sangue lavado

do assoalho. Não perguntou nada. Só pegou a mão do filho, enrolou a gaze com cuidado, e disse:

– Você comeu?

Simeon olhou para a janela. O cais estava lá, como sempre. Os barcos, os pescadores, o barracão de Sarmento. O corpo já não balançava mais.

– Sim – mentiu.

Aperrou a mão enfaixada e sentiu a dor. Precisava dela. Precisava lembrar.

Parte 4

Simeon Dávila tinha deixado essa outra vida para trás três luas antes – ou quatro, ou cinco; os dias no cais se mediam pelas marés, não pelo calendário. Fugira numa noite sem lua, com a faca de caça na cintura e o pedaço de corda no bolso. Não levava nada mais.

No porto, ninguém perguntava de onde se vinha. Perguntavam se sabia carregar, se sabia amarrar, se conseguia trabalhar em cantos altos. Simeon disse que sim para as três. Não disse seu nome, então ouviu que seu nome seria Jão, porque todo homem sem nome no cais era Jão. Ele aceitou. Aprendeu a carregar fardos até o ombro doer, a

amarrar nós que não desfaziam com o balanço, a andar nas vergas sem olhar para baixo.

Mas o nome João não pegava. Era como uma camisa emprestada – servia, mas não vestia.

Foi num armazém, ouvindo dois marinheiros mais velhos, que ouviu a história. Falavam de um pescador enforcado. Falavam de um saco de farinha que não fora roubado, de um feitor que ria enquanto o homem subia no cadafalso.

– Bergson, ele chamava – disse um dos marinheiros, cuspiendo no chão. – Bom homem. Deixou mulher e filhos. Tudo por um saco de farinha que ele nem pegou.

O nome ficou na boca de Simeon como uma pedra quente.

Naquela noite, debaixo do viaduto onde dormia com outros estivadores, ele repetiu o nome

até decorar as sílabas. Bergson. O homem que olhara para a janela e não desviara. O homem que morrera calado, sem pedir clemência, porque sabia que não haveria.

No dia seguinte, quando um capataz perguntou como se chamava, ele respondeu:

– Bergson.

E foi assim que passou a ser.

A briga foi tão rápida quanto injusta, e Simeon viu tudo como quem olha através de água turva.

A velha estava no chão antes que ele entendesse o que acontecia. Dois homens – estivadores como ele, mas maiores, com o olhar embaçado de álcool – tinham derrubado a cesta dela, espalhado os poucos peixes secos pela lama.

Um deles ria. O outro chutava os peixes para longe, só para vê-la se arrastar para recuperá-los.

Simeon não pensou. Não teve tempo de pensar, de pesar consequências, de lembrar das lições de Cassius sobre o mundo não perdoar os fracos. Só sentiu o gosto de fel na boca e o peso da faca na cintura, mas a faca não foi puxada. Foram os punhos.

Acertou o primeiro no queixo. Sentiu o osso contra os nós dos dedos, a dor elétrica subindo pelo braço. O homem caiu de joelhos. O segundo não esperou: um golpe no estômago dobrou Simeon ao meio, e então vieram os chutes, as botas nos rins, na costela, na nuca.

O mundo virou um borrão de luz e barro. Ele ouviu a velha gritar. Ouviu vozes ao redor, ninguém intervindo. Tentou levantar, e um pé acertou

seu rosto com força suficiente para arrancar um dente.

Depois, nada.

Acordou na lama, o cheiro de peixe podre entrando pelas narinas. A boca sangrava. A costela direita ardia a cada respiração, e havia uma dor surda na cabeça que parecia vir de dentro do crânio. Tentou mexer a perna esquerda – respondeu. Tentou levantar o braço – gemeu, mas obedeceu.

A velha não estava mais lá.

Simeon ficou um tempo deitado, os olhos fixos no céu cinzento, as nuvens correndo como se tivessem pressa de chegar a algum lugar. Sentiu o gosto de sangue e terra na língua. Sentiu os dedos inchados. Sentiu a faca ainda na cintura – não a

havam tirado. Talvez não a vissem como ameaça. Talvez soubessem que ele não a usaria.

Era verdade. Não usara. Não matara. Só levava pancada. Mas talvez sequer a tivessem notado.

No barracão dos estivadores, um homem mais velho enfaixou suas costelas com tiras de pano molhado.

– Burrice – disse, sem raiva. – Gente como a gente não se mete. Apanha e agradece por não estar morto.

Simeon não respondeu. Naquela noite, com o corpo latejando no colchão de palha, pensou na velha. No jeito como ela se arrastara para recolher os peixes. No grito que ele ouvira antes de apagar. E pensou também em Nelly, a mãe, que lhe contara

histórias de heróis sem nome que apareciam nas estradas quando o fardo ficava pesado demais.

Heróis sem nome. Heróis que apanhavam, talvez. Que caíam. Que acordavam na lama com o gosto de sangue na boca e no dia seguinte estavam de pé, porque havia uma velha no chão e ninguém mais se movia.

– Bergson – murmurou para si mesmo, testando o nome na língua partida. – Bergson.

O nome do pescador morto. O nome do homem que olhou para a janela e não desviou.

Simeon fechou os olhos. A dor latejava, mas agora era uma companhia. Ele precisava dela. Precisava lembrar.

Parte 5

Um ano, talvez dois. O tempo no cais não se conta em anos, mas em marés que vão e voltam, em cargas que sobem e descem, em homens que chegam e partem. Bergson já não era mais o mesmo que acordara na lama com a boca sangrando. As costelas tinham cicatrizado tortas, mas os braços ganharam corda, as mãos aprenderam a amarrar nós cegos, os olhos aprenderam a medir distância.

Apesar de todo o aprendizado, Bergson não aprendeu a ficar fora do caminho.

Foi numa tarde de chuva fina, quando o cais estava quase vazio e os barcos balançavam

presos às amarras como animais acuados. Dois homens – estivadores, grandes, do tipo que se fazem respeitar com os punhos – tinham um moleque encostado na parede do armazém. O moleque não devia ter mais de doze anos. Um dos homens segurava seu braço; o outro revistava seus bolsos, procurava o que não havia.

Bergson atravessou a rua antes de saber que ia atravessar.

– Deixa ele.

As palavras saíram secas, sem hesitação. O homem que revistava levantou os olhos. O outro soltou o braço do moleque.

– Não é da sua conta, Jão.

Bergson não respondeu. Ficou parado, os pés separados, as mãos abertas. Não tinha faca.

Não tinha nada além do corpo magro e a certeza de que não ia sair dali andando.

O primeiro golpe veio rápido, pegou no ombro. O segundo acertou a costela já machucada, e Bergson sentiu o ar sair num baque. Caiu de joelhos. O terceiro golpe não veio – porque um berro cortou a chuva e os dois homens correram, deixando Bergson encolhido no chão, o moleque já longe, o cais vazio.

Acordou com um cheiro de carvão e gosto de metal na boca.

– Mexeu, mexe não. Quebrou de novo. Burro.

A voz era áspera, arrastada, com uma entonação que Bergson não reconheceu. Abriu os olhos. O teto era baixo, as paredes de pedra. Uma forja apagada num canto. Martelos pendurados.

Bigorna. E sobre ele, um homem baixo, ombros largos, barba comprida e grisalha, as mãos enormes segurando uma tala de madeira.

– Anão – disse Bergson, sem pensar.

O homem ergueu uma sobrancelha. A barba se abriu num sorriso sem dentes.

– Esperto. Fica parado que tô consertando.

Bergson tentou se sentar, mas a dor na costela o pregou no chão. O anão bufou, apertou a tala, enrolou a faixa com força.

– Me chamo Dargondin – disse, quando terminou. – Você tem nome, ou é só burro?

– Bergson.

Dargondin grunhiu, um som que podia ser desdém ou aprovação. Depois estendeu a mão –

grossa, calejada, as unhas sujas de fuligem – e ajudou Bergson a se levantar.

– Fica. Trabalha. Paga a dívida.

Bergson ficou.

As semanas viraram meses. Bergson aprendeu a alimentar a forja, a sentir o ponto do metal, a diferença entre o aço de Sinek e o ferro de Otay. Dargondin não era homem de muitas palavras, mas as que dizia tinham peso.

– Gosta do nome – confessou o anão uma noite, enquanto tomavam cerveja diante da forja apagada. – Bergson. É nome de quem não desiste.

Bergson não respondeu. Virou o copo, sentiu a bebida amarga descer.

Numa noite, Dargondin chegou à forja mais cedo. Bergson o encontrou no fundo do armazém, removendo caixas velhas, sacos de carvão, ferramentas enferrujadas. O anão estava feliz – um estado que Bergson aprendera a reconhecer pelo silêncio, não pela fala.

– Acha que tô velho demais? – perguntou Dargondin, sem esperar resposta. Abriu um baú escondido sob as tralhas. A tampa rangeu.

Bergson se aproximou. Dentro, sobre um pano de veludo preto, havia uma pedra. Não era uma pedra. Brilhava com luz própria, um azul profundo que parecia sugar a penumbra do armazém. O metal – se é que era metal – tinha veios que se moviam lentamente, como água congelada no instante do movimento.

– Gelo-azul – disse Dargondin, a voz agora baixa, quase reverente. – Trouxe de Sinek quando fui

expulso. Meu tesouro. Quando a tristeza aperta, venho aqui. Olho. Lembro.

Bergson estendeu a mão, mas não tocou. O anão observou, esperou.

– Pode tocar. Não morde.

Os dedos de Bergson roçaram a superfície fria. Era mais leve do que parecia, mais frio do que o gelo comum, e vibrava – uma vibração que subiu pelo braço e se alojou no peito.

– Pra que serve?

Dargondin fechou o baú devagar. Guardou o segredo com o mesmo cuidado com que o abrira.

– Forja. Ganhar forma. Vida. – disse. – Servirá quando o homem certo aparecer.

Naquela noite, Bergson não conseguiu dormir. Deitado no catre da forja, os olhos fixos no

teto baixo, sentiu a vibração do gelo-azul ainda nos dedos. Imaginou o que um homem poderia fazer com aquele metal. De que tipo de vida ele falava? Imaginou uma armadura de gelo. Imaginou-se voltando ao cais não mais como Jão, não mais como Bergson, mas como outra coisa. Algo que os homens como Cassius e seus amigos olhassem e sentissem medo.

E então pensou em Nelly.

A mãe. As histórias antigas. O sorriso que não alcançava os olhos. A bandeja de comida deixada na porta. Pensou se ela ainda estava naquela casa, se ainda levantava todas as manhãs para servir café para homens que a devoravam com os olhos. Pensou se ela sabia que ele estava vivo.

– Dargondin – chamou.

O anão roncava do outro lado da forja.

- Dargondin.
- Quê.
- Sinto falta de casa.

O ronco parou. Houve um silêncio longo, cortado pelo vento que entrava pelas frestas da porta.

– Então volta – disse o anão, finalmente. E virou para o outro lado.

Bergson ficou onde estava. Sentiu a dor na costela, a marca que os homens do cais deixaram. Sentiu o nome Bergson na língua, pesado como a corda que um dia guardara no bolso. Sentiu o gelo-azul no baú, esperando.

Talvez ele próprio pudesse algum dia se tornar o homem certo.

Parte 6

A casa estava mais silenciosa do que a morte.

Simeon Dávila parou no portão de ferro, a mão na aldrava, os olhos percorrendo as janelas do segundo andar. A da esquerda fora seu quarto. Estava escura. A do centro, o escritório do pai. Também escura. A da direita, onde Cassius dormira – essa tinha uma vela acesa, mas o brilho trêmulo parecia mais abandono do que presença.

Ele não avisara que voltaria.

Três anos. Ou quatro. Não soubera contar direito, no cais. Agora os passos ecoavam no pátio de pedra, e ele sentia o peso da faca na cintura –

velho hábito, desses que o cais ensina e a gente nunca perde.

A porta abriu antes que ele batesse.

– Pois não? – A criada era nova, não o reconheceu. Olhou para as roupas surradas, para as mãos calejadas, para o rosto magro que o sol do cais marcara. – O patrão não está.

– E a patroa?

A voz saiu mais áspera do que ele esperava. A criada recuou um passo. Do corredor, passos apressados, e então uma figura mais velha – Olavo, mordomo antigo, que servira ao pai e ao tio – surgiu com os olhos arregalados.

– Simeon? – A voz tremeu. – Simeon?

– Estou de volta, Olavo.

O velho cruzou a distância que os separava em três passos trôpegos, agarrou os ombros do rapaz, apertou como se precisasse sentir se era carne ou fantasma.

– Pensei que tivesse morrido – sussurrou. –
Pensei...

– Onde está minha mãe?

O aperto afrouxou. Olavo desviou os olhos.

A casa estava revirada. Não como num assalto – os móveis estavam no lugar, os quadros nas paredes. Mas faltavam coisas. Um vaso que Simeon lembrava na entrada. Os castiçais de prata da sala de jantar. Algumas cadeiras que não eram as originais.

– Seu tio Cassius morreu – disse Olavo, conduzindo-o para o escritório. A mesa estava limpa

demais. – Briga com os sócios. Disseram que foi acerto de contas. Vieram aqui depois, levaram o que queriam. Não foi muito. Queriam mostrar que podiam.

– Minha mãe?

– Não estava mais aqui. Partiu. Não disse para onde.

Simeon sentou na cadeira do pai. Ou do tio. Agora era sua.

– Há quanto tempo?

– Seis semanas antes do patrão morrer. Ela... – Olavo hesitou. – Ela não aguentava mais. Os homens que vinham aqui, o jeito como olhavam... O senhor Cassius não fazia nada. Um dia ela arrumou as malas e foi. Não disse adeus.

Simeon fechou os olhos. Sentiu a costela que Dargondin consertara doer – uma dor velha,

conhecida, que vinha quando o corpo lembrava o que a mente queria esquecer.

Subiu para o quarto. Estava como ele deixara. O espelho quebrado ainda na parede, os cacos há muito retirados, a moldura vazia. A cama arrumada. O guarda-roupas aberto.

Havia cobertores velhos nas prateleiras de cima. Os que ninguém usava porque a casa tinha novos, mais finos, mais quentes. Mas eram mais que cobertores, eram lembranças da sua infância. Simeon puxou um deles – azul desbotado, o tecido áspero – e algo caiu no chão.

Um papel dobrado, amarelado nas bordas.

Reconheceu a caligrafia antes de abrir.

Meu filho,

Se um dia você voltar, saiba que eu não fui embora por falta de amor. Fui porque esta casa virou um túmulo antes do tempo. Você saiu para se encontrar. Eu saí para me encontrar também. Não sei se vou conseguir. Mas preciso tentar.

Lembre que eu te amo.

Com amor,

Nelly.

Simeon leu três vezes. Dobrou a carta, guardou no bolso, ao lado da faca.

Na manhã seguinte, os credores vieram. A chegada de um Dávila já havia se espalhado pelo cais. Queriam saber o que Simeon pretendia fazer com os negócios, com as dívidas, com os contratos

que Cassius deixara em aberto. Havia um deles, um homem de olhos pequenos e sorriso largo, que sugeriu que talvez fosse melhor vender tudo, liquidar, entregar a administração a quem entendesse.

Simeon ouviu em silêncio. Depois levantou da cadeira, rodou a mesa, parou diante do homem.

– Meu nome é Dávila – disse. A voz não era a do menino que um dia quebrou o espelho. Era a de quem aprendeu que o mundo só respeita quem fica em pé. – Esta casa continua de pé. Os negócios continuam. E quem tentar levar o que é meu vai responder a mim. Pessoalmente.

O homem de olhos pequenos abriu a boca, fechou, sentou.

Simeon voltou para a cadeira. Sentiu o papel da mãe no bolso. Sentiu o peso do nome que estava deixando para trás – Bergson, o pescador, o

homem que não desviou o olhar. Guardou-o como se guarda uma ferramenta que um dia serviu, mas já cumpriu seu propósito.

Agora era Simeon Dávila outra vez. E havia trabalho a fazer.

Parte 7

A meia-noite encontrou Simeon Dávila nas ruas de trás do cais, envolto num capuz que não era de sua classe.

A lã grossa, comprada de um marinheiro desempregado por duas moedas de cobre, cheirava a peixe e fumaça. As botas eram as mesmas do tempo de estivador, os passos agora mais leves – não o andar do patrício, não o arrastar do carregador. Algo no meio. Algo que não queria ser visto nem lembrado.

Nem Simeon, nem Bergson, pensou. Outra coisa.

Apertou o cinto onde a faca de caça balançava. No bolso interno do gibão, uma bolsa de moedas de ouro – cunhagem de Otay, das que ele encontrara no cofre do escritório, embrulhadas em pano preto para não tilintar. Pesavam. Pesavam como a consciência de usar o dinheiro do tio para forjar o que usaria contra os homens do tio.

Assim se faz justiça, murmurou para si mesmo. *Com a faca do outro.*

A forja de Dargondin ficava na divisa entre o bairro dos ferreiros e o começo do mangue. Simeon conhecia o caminho de cor – tinha dormido ali mais noites do que lembrava – mas agora a visita era outra. Não vinha como ajudante ferido. Vinha como cliente. Vinha como quem vai pedir um crime.

Bateu três vezes, pausa, duas. O código que o anão lhe ensinara.

A porta rangeu. A barba grisalha apareceu na fresta, os olhos fundos examinando a silhueta encapuzada.

– A forja está fechada – rosnou Dargondin.
– Volta amanhã.

– Amanhã pode ser tarde.

O anão franziu a testa. Inclinou a cabeça, farejou o ar como um cão velho.

– Bergson?

– Bergson... Sim, mas não. – O encapuzado empurrou a porta com o ombro, entrou. A forja estava apagada, mas as brasas ainda brilhavam no fundo.
– Preciso de um trabalho. Trabalho de anão.

Dargondin fechou a porta, correu o ferrolho. Observou o visitante por um longo momento, as mãos grossas apoiadas nos quadris.

– O menino que apanhava no cais quer encomendar o quê?

– Uma armadura. – Simeon puxou o capuz para trás, mas o rosto permaneceu na penumbra. – Completa. Peitoral, ombreiras, grevas, elmos. Tudo em aço escurecido, sem brilho. E uma espada. Lâmina larga, dois gumes, e o fio que não perde.

O anão assobiou baixo.

– Isso custa caro. Mais do que você ganhou carregando caixa.

Simeon tirou a bolsa do gibão, deixou-a cair na bigorna. O som foi gordo, sólido. Dargondin abriu o nó, derramou algumas moedas na palma, mordeu uma.

– Ouro puro. Cunhagem de Otay. – Ergueu os olhos. – Onde conseguiu tanto dinheiro?

-- Na verdade, eu sou um Dávila. Herdei os negócios do meu tio, que havia herdado de meu pai.

– Compreendo. E o herdeiro resolveu proteger o que é seu.

O anão grunhiu. Juntou as moedas, recolocou na bolsa, jogou-a de volta para Simeon.

– Guarda. Ainda não.

– Por quê?

O anão ergueu os olhos. Na penumbra, as rugas pareciam mais fundas, o olhar mais pesado.

– Olha, já vi rico de armadura preta. É sempre a mesma coisa. Medo e sangue.

Simeon aproximou-se. Ajoelhou-se.

– Não quero ser rico de armadura preta – disse, a voz baixa. – Quero ser o que os ricos de armadura preta temem.

Dargondin ficou em silêncio por um longo minuto.

– Seis luas – disse. – Volte quando o sino da meia-noite bater. E não use capuz. Quero ver seus olhos quando pegar o que encomendou.

Simeon levantou-se. Recolheu a bolsa de ouro, guardou no gibão. Na porta, antes de sair, hesitou.

– Dargondin.

– Quê?

– Obrigado.

O anão já tinha virado as costas. Mas a mão esquerda, pendente ao lado do corpo, fez um gesto – um aceno brusco, quase raivoso, que Simeon aprendeu a interpretar como *vã logo antes que eu mude de ideia*.

A noite engoliu o vulto encapuzado. A forja ficou escura novamente, e Dargondin ficou olhando para o baú, os dedos tamborilando na madeira.

– Bergson não – murmurou. – Nem Dávila. Parece outra coisa.

Suspirou, começou a acender o fogo. Tinha seis luas de trabalho pela frente.

Parte 8

S eis luas desfizeram-se no calendário como cera de vela.

Simeon Dávila aprendeu a arte da espera. Pela manhã, assinava contratos, recebia credores, acenava para os homens do cais com a mão limpa e o sorriso vazio. Aprendera que a desconfiança se dissolve com gestos pequenos – um brinde na hora certa, um silêncio onde se esperava uma pergunta, um elogio à gravata do interlocutor.

À noite, porém, o herdeiro sumia.

Trancava-se no escritório, abria o baú onde escondera a faca de caça e a carta da mãe – lia o papel amarelado até decorar cada vírgula – e

planejava. O nome de cada homem que frequentara a casa de Cassius. A rota dos navios que atracavam sem registro. O mapa do cais com as entradas e saídas marcadas a carvão.

Olavo, o mordomo, certa noite bateu à porta.

– O senhor vai acabar doente, de tanto se fechar aqui.

– Vou melhorar, Olavo. Pode ficar tranquilo.

O velho não pareceu tranquilo. Mas se foi, e Simeon voltou aos seus mapas.

Na noite marcada, o sino da catedral bateu meia-noite.

Simeon não usou capuz. Vestiu a roupa mais escura que tinha – gibão de couro preto, calça de brim escuro, botas sem brilho. A faca de caça na

cintura. A bolsa com o restante do ouro no bolso. E, no peito, a carta da mãe dobrada num saquinho de couro, sobre o coração.

As ruas estavam desertas. A lua, minguante, mal desenhava sombras. Simeon caminhou como quem não precisa se esconder porque não há ninguém para ver. A forja de Dargondin parecia menor do que na lembrança, ou talvez ele estivesse maior.

Bateu três vezes, pausa, duas. A porta abriu antes do fim do código.

Dargondin o examinou dos pés à cabeça. Os olhos do anão brilhavam na penumbra, e havia algo na sua postura – uma tensão, uma expectativa – que Simeon não vira antes.

– Entra. E fecha a porta.

A forja estava acesa. O calor batia no rosto de Simeon, e no centro da sala, pendurada num suporte de madeira, a armadura reluzia.

Era negra. Não a negrura do tecido tingido, mas o escuro profundo do aço tratado com fuligem e óleo, que não refletia a luz. As peças se encaixavam como uma segunda pele – peitoral, ombreiras, grevas, braçais, luvas de placas.

Simeon aproximou-se. Passou os dedos na superfície fria. Não havia uma rebarba, uma imperfeição.

– Veste – ordenou Dargondin.

A armadura pesava menos do que ele imaginava. As placas se ajustaram ao seu corpo como se tivessem sido forjadas para ele – e tinham sido. O anão circulou ao redor, puxou uma correia aqui, apertou um rebite ali, grunhiu satisfeito.

– A espada.

Estava sobre a bigorna. Bainha de couro preto, cabo envolto em tiras do mesmo material. Simeon puxou a lâmina – o gelo-azul brilhou na penumbra da forja, as veias internas pulsando como se o metal estivesse vivo. O fio era invisível de tão fino. Simeon encostou o polegar, sentiu a pele se abrir sem dor.

– Afiada – disse.

– Afiada – concordou Dargondin. – E fria. O gelo-azul corta a alma se o braço que o guia tiver intenção.

Simeon embainhou a espada. Prendeu-a ao cinto. O peso era bom, equilibrado. Então viu o elmo. Preto e bem esculpido como a armadura, só percebia um problema.

-- Ele expõe o rosto. Não posso ser reconhecido.

Dargondin o encarou pensativo por um instante, como quem tentava ler sua alma através dos olhos.

-- Por que se esconder? É assassino?

-- Não, mas não posso ser visto como Simeon Dávila. Preciso ser visto como...

-- Outra coisa... Venha. Você me ajuda.

A visita levou mais 1 hora até que o anão concluísse a forja, com a ajuda de seu auxiliar antigo. Ao final, ergueu sua obra de arte, aprimorada.

-- Está perfeito.

O elmo ganhara um visor opaco. Parecia um vidro curvado, acompanhando o desenho de abertura e terminando no queixo, mas não era vidro.

Era o mesmo gelo azul da lâmina, resistente e translúcido.

– O que lhe devo?

O anão balançou a cabeça. O ouro já estava pago, e o resto não se cobrava em moeda.

– Não mate por esporte – disse Dargondin, a voz áspera. – O gelo-azul não esquece. Sangue que bebe fica para sempre.

Simeon colocou o elmo. Encarou o anão com os olhos descobertos.

– Nunca esqueci de onde vim, Dargondin.

O anão grunhiu, virou as costas, começou a apagar as forjas.

– Vai. Antes que eu me arrependa.

Simeon saiu para a noite. A armadura rangia baixo, o som dos passos na pedra era diferente – mais firme, mais pesado. Ele não sabia para onde ia. Sabia apenas que não voltaria para casa antes de fazer alguma coisa.

No bolso, sobre o coração, a carta da mãe.

Lembre que eu te amo.

A lua sumiu atrás das nuvens. Simeon Dávila apertou o punho dentro da luva de aço e sentiu o gelo-azul vibrar, pronto.

Não era mais o menino da janela. Não era mais o estivador espancado. Não era mais o herdeiro de gravata.

Era outra coisa. Algo que ainda não tinha nome.

A noite era longa. E havia trabalho.

Parte 9

O Clube Comercial de Otay ficava no alto da ladeira, onde a brisa do mar chegava filtrada pelos jardins das mansões. Suas janelas de vidro fumê davam para o cais – mas de longe, como quem olha um quadro.

Simeon Dávila entrou naquela noite com o passo de quem não tem pressa. Paletó escuro, gravata discreta, as mãos limpas apoiadas na bengala que não precisava. Os criados o conheciam. Os sócios também. A herança de Cassius, a rápida consolidação dos negócios, a polidez fria – tudo isso abria portas que o pai jamais cruzara.

– Dávila! Por aqui.

A mesa redonda já reunia meia dúzia de homens. O velho Montier, dos estaleiros. O jovem Awarez, que herdara a frota de navios negreiros. O doutor Marilmo, advogado da guilda. E outros, cujos nomes Simeon se esforçava para decorar – rostos que apareciam nos jantares, sumiam nas temporadas, voltavam com a safra.

Ele sentou, aceitou um cálice de vinho tinto, ergueu-o na direção vaga dos presentes.

– Saúde.

– Saúde – responderam, distraídos.

A conversa já corria solta. Simeon bebeu devagar, os olhos passeando pelos interlocutores, os ouvidos atentos.

– ...disseram que ele apareceu no armazém do Fialho – comentou Awarez, debruçando-se sobre a mesa. – Três guardas amordaçados, os

livros de contas queimados, e o Fialho pendurado pelo cós das calças na forca do pelourinho.

– Bobagem – cortou Montier. – Fialho está em casa, inteiro. Só perdeu os papéis.

– Perdeu os papéis, mas não perdeu o medo. Anda trancado no quarto.

– Quem é esse “e/e” de que falam? – perguntou Marilmo, com desdém. – Tem nome agora?

Silêncio. Alguém pigarreou.

– Iceberg – disse um homem baixo, de costeletas grisalhas, que Simeon não reconheceu. – Estão chamando assim lá no cais. Dizem que ele aparece do nada, gelado, e que só se vê a ponta. O resto fica escondido.

– Que nem iceberg – completou outro, rindo sem humor.

Os outros na mesa riram, nervosos.

Simeon manteve o rosto impassível. Virou o cálice, sentiu o vinho descer quente. Por dentro, uma pontada – não de culpa, não de medo. De alguma coisa mais antiga, que ele não sabia nomear.

– Histórias de pescador – opinou Montier. – Deve ser algum justiceiro amador. Logo a guarda o pega.

– A guarda? – Awarez riu, agora com ironia.
– A guarda não consegue pegar nem os contrabandistas do porto. Quem dirá um fantasma de armadura preta.

– Fantasma não, que eu não acredito – retrucou Marilmo. – Mas dizem que ele usa uma armadura que não brilha, e o visor brilha azul. Como se tivesse fogo gelado dentro.

– Fogo gelado? Isso é magia.

– Pode ser.

– Não deve ser magia – Simeon falou pela primeira vez. A voz saiu calma, quase entediada. A mesa se virou para ele. – É só um rapazote que se apossou de uma relíquia. E provavelmente com muito tempo livre.

Os outros riram, aliviados. Montier bateu na mesa.

– Bem dito, Dávila! Um aventureiro entediado. Logo a rainha resolve isso.

– A rainha já ofereceu recompensa – disse o homem de costeletas. – Quinhentas moedas de ouro para quem entregar o cavaleiro. Dizem que os corsários estão vasculhando o cais.

– Recompensa para acalmar os ânimos – Simeon retrucou, enchendo o cálice de novo. – Sua Majestade não está com medo de um espantalho.

Ela está com medo de vocês, que se borram todos por causa de umas histórias de taverna.

A mesa ficou tensa. Depois Montier soltou uma gargalhada.

– O Dávila tem língua afiada. Bebamos!

Bebeu-se. Simeon deixou os outros falarem, os boatos se repetindo, os nomes sendo citados – Fialho, Noronha, o Escrivão, todos com alguma história de susto ou prejuízo. Ele ouviu em silêncio, o cálice na mão, o sorriso fixo.

Por dentro, o gelo-azul vibrava.

Parte 10

A estrada da serra enrolava-se nas montanhas como uma corda prestes a arrebentar.

Simeon Dávila conhecia aquele trecho. Dez anos atrás, quando o pai ainda vivia, subira de carruagem até o vilarejo de Fruza. Lembrava-se dos penhascos, das curvas fechadas, do silêncio que precedia a queda. Agora, de pé sobre um dos rochedos, a armadura preta colada ao corpo como uma segunda pele, ele observava o comboio lá embaixo.

Três carroças. Oito guardas a cavalo. E no centro, uma jaula de madeira – gradeada, mal coberta por uma lona surrada.

Dentro, corpos encolhidos. Peles escuras, rostos magros, olhos que já não esperavam nada.

Gente de Otay, pensou Simeon. Gente como eu. Vendida como carga.

Afastou o pensamento. Ajustou o elmo, o visor de gelo-azul escurecendo o mundo mas clareando os contornos – o anão dissera que o material revelava o calor dos corpos. Simeon viu os guardas, as silhuetas avermelhadas, e à frente, um homem a cavalo cuja postura era diferente dos outros. Não usava armadura pesada. Espada longa, gibão azul, o rosto calmo demais.

Dan Wiu, lembrou-se. O Sereno.

Os boatos do clube diziam que o corsário matava sem alterar a expressão.

Simeon desceu a encosta como uma sombra que se desprende da montanha. A armadura

não rangia. Dargondin fizera cada placa encaixar sem atrito, cada correia amortecida em couro. O gelo-azul não refletia a lua. Ele era a própria noite.

O primeiro guarda caiu sem saber o que o atingiu. A espada de gelo acertou a têmpora com o lado plano – nocaute, não morte. O segundo teve tempo de abrir a boca, mas a mão enluvada de Simeon tapou-a antes do grito. Mais um golpe. Mais um corpo no chão.

Quando o terceiro guarda caiu, os cavalos relincharam.

Dan Wiu girou no selim, a espada já desembainhada. Seus olhos percorreram a escuridão, pousaram na armadura preta que emergia das sombras.

– Iceberg – disse, sem alterar a voz. – A recompensa é minha esta noite.

Atacou.

Simeon nunca lutara contra alguém tão rápido. A espada de Dan Wiu era um borrão prateado, cada golpe preciso, calculado. O Sereno não gritava, não grunhia – apenas atacava, recuava, atacava de novo, como uma máquina de matar.

O gelo-azul bloqueou. Uma vez. Duas. Três. Simeon sentiu o impacto vibrar nos ossos, mas a lâmina fria não lascou.

Na quarta investida, Dan Wiu avançou demais. Simeon não aparou – desviou. A espada do corsário passou raspando o ombro da armadura. Simeon girou, acertou o pulso de Dan Wiu com o punho da sua espada. A arma inimiga voou. O Sereno olhou para a mão vazia, depois para o visor azulado.

– Você é rápido – disse. Ainda calmo.

– E você perdeu. – respondeu Simeon.

Dan Wiu sorriu. Recuou um passo, dois, virou-se e correu para a beira da estrada. Quando Simeon alcançou o local, o corsário já havia sumido na mata fechada.

Deixa.

Ele voltou para as carroças. Os guardas restantes fugiram ao vê-lo. Simeon não os perseguiu. Foi até a jaula, ergueu a espada, cortou o cadeado como se fosse manteiga. As correntes caíram. Eram de prata. As portas se abriram.

Homens, mulheres, crianças, todos muito peludos, saíram cambaleando, os olhos arregalados para o cavaleiro de armadura preta. Sem roupas e com cabeça em formato alongado, com pelo cobrindo o corpo, em tons brancos, negros e castanhos: eram lupinos.

– O dinheiro está nas carroças – disse Simeon, a voz distorcida pelo elmo. – Pequem. Dividam. E voltem para casa. Não usem o ouro para vingança. Usem para recomeçar. Essas correntes parecem de prata. Podem ajudar a financiar isso também.

Simeon estende a mão, mas eles se afastam, com receio.

-- Não, senhor. Pode ficar. -- Um dos homens, mais velho, diz antes de se ajoelhar. – Quem é você?

Simeon hesitou, apertando a corrente de prata com força. Olhou para o céu, onde as estrelas começavam a se apagar. Sentiu o peso da armadura, o cansaço nos ombros, e também uma coisa nova – uma paz que não conhecia.

– Alguém que chegou tarde demais para si mesmo. Mas não para vocês.

Virou-se. A noite o engoliu.

Simeon olhou para a corrente de prata em sua mão. Os lupinos tinham razão em não querê-la. Ele guardou-a no cinto – ajudaria a financiar a trajetória de Iceberg à parte da de Dávila.

No caminho de volta, Simeon Dávila tirou o elmo. O vento frio acariciou seu rosto suado. Sorriu – um sorriso pequeno, quase triste.

O caminho certo, pensou. Finalmente.